

Índice

Lista de Personagens	7
Primeiro capítulo — Liu Jin	11
Segundo capítulo — Hu Shan e Nian Si	41
Terceiro capítulo — Qi Ming	72
Quarto capítulo — Shi Miao	101
Quinto capítulo — O bebé	131
Sexto capítulo — Liu Jin e Rui	160
Sétimo capítulo — Zhou Xiaoli e Zhou Xiaogui	183
Oitavo capítulo — Liu Jin, os seus pais e o homem negro	211
Nono capítulo — Yezi e Mageer	241
Décimo capítulo — A Diretora do Instituto e Nian Si	266
Décimo primeiro capítulo — Liu Jin e a rapariga vestida de vermelho, e ainda Qi Ming	292
Décimo segundo capítulo — Liu Jin e Rui, e ainda o homem sem cabeça	315
Décimo terceiro capítulo — Qi Ming e Liu Jin	334
Décimo quarto capítulo — Liu Jin e Ying	354
Décimo quinto capítulo — Neve	369
Glossário	391

Primeiro capítulo

Liu Jin

Já era tarde quando Liu Jin se encostou à porta de madeira. Sob o brilho do luar, os grandes cachos de uvas refletiam um leve brilho fluorescente, e o som do vento que atravessava as folhas do velho choupo era muito agradável. Um homem falava, o som da sua voz penetrava o arvoredo, mas Liu Jin não entendia o que dizia. Contudo, ela sabia de quem se tratava, porque, nas últimas noites, já bem tarde, ele vinha sentar-se no cilindro de pedra junto à entrada do pátio de casa dela. De início, Liu Jin tinha medo e não se atrevia a sair de casa, ficando a observá-lo através da janela. Com o passar do tempo, porém, e apesar do vulto do velhote lembrar o corpo de um urso, Liu Jin começou a sentir que nada havia a temer e reuniu coragem para sair. Os olhos do homem emitiam um brilho pungente e, mesmo na escuridão, pareciam dois pedaços de vidro prestes a perfurar alguém. Ele tinha as mãos ocupadas, e Liu Jin reparou que entrelaçava corda de cânhamo. O homem não gostava de conversar, e às perguntas dela respondia sempre num tom impreciso: “Já não me recordo bem...” Ele não morava ali perto. De onde viria então? Apesar de não conversar com ela, parecia entreter-se a falar sozinho, e acompanhava o som das folhas com a sua voz. Porém, quando o vento se detinha, também ele ficava em silêncio. Era realmente uma pessoa estranha. Contudo, nessa noite, ele levantou a voz. Liu Jin escutou atentamente e foi capaz de distinguir algumas palavras: “ao meio-dia, lá no mercado...” De imediato, ela esforçou-se por imaginar esse cenário: te-

cidos, joalheria de prata e de ouro, passas, tambores e pandeiretas, estrangeiros e muitas outras coisas. Ficou com estas imagens na cabeça, mas não percebia aonde o homem queria chegar. Apesar da hora tardia, ouvia-se do outro lado da rua uma mulher a cantar. Parecia ser jovem e a melodia era triste, estaria a cantar para o velhote? Mas ele não prestava atenção e continuava a murmurar algumas palavras para si. Com o passar dos dias, Liu Jin tinha-se habituado à sua voz e começou a ver nele algumas parecenças com o choupo do seu pátio. O choupo era velho e o homem também. Ela perguntou-lhe se a corda de cânhamo era para vender. Ele não respondeu. Liu Jin sentiu-se cansada, foi deitar-se e, já quase a dormir, ouviu a melodia cantada pela mulher tornar-se cada vez mais melancólica. De manhã, ao levantar-se, espreitou pela janela e não viu vestígios do velhote, nem mesmo um pedacito de cânhamo caído ao chão. Era, de facto, uma pessoa peculiar. Perguntou por ele aos vizinhos, mas ninguém fazia ideia de quem era. Não havia sequer uma pessoa que o tivesse visto. Contudo, isso tinha alguma lógica, uma vez que ele costumava chegar tarde e a essas horas já ninguém andava pela rua. Liu Jin sabia que era a pessoa que mais tarde adormecia em toda a cidade, tratava-se de um hábito antigo. No entanto, na noite anterior tinha ouvido aquela mulher a cantar, como seria isso possível? Tendo em conta a direção de onde vinha o som, a mulher deveria pertencer à família de Meng Yu. Eram vendedores de cabras e ovelhas, compravam-nas aos pastores e levavam-nas para o mercado, onde as matavam para vender a sua carne. Naquelas noites frias de outono, o estranho velhote acabava por ser uma distração para Liu Jin, que começou a desenvolver por ele uma vaga afeição, mas tratava-se de um sentimento cuja natureza não tinha vontade de clarificar.

Há cinco anos que vivia sozinha nesta pequena casa. Os pais tinham vindo de uma grande cidade industrial do interior, ainda antes de ela nascer. Acompanhando a maioria dos companheiros da brigada de produção, os pais decidiram regressar à terra natal, mas ela ficou. E ficou porquê? Não queria mudar-se para a grande cidade? As únicas impressões que tinha daquela cidade vinham das descrições do pai, que eram, contudo, apenas imagens vagas, pouco fiáveis. Em tempos, ela esforçara-se por fazer daquelas descrições um corpo sólido, mas não fora bem-sucedida. Por isso, enquanto os pais faziam

as malas e se preparavam para deixar esta pequena cidade da fronteira, ela começou a sentir a cabeça pesada e os pés fracos, deixando de conseguir dar passos firmes. Durante esse período, na noite profunda, ouvia fortes estrondos, que tinham origem nos troncos dos choupos que se alinhavam na margem do rio. Eram intercalados por períodos de silêncio, mas ouviam-se até chegar a luz da alvorada. Ela era dotada de uma extraordinária capacidade de distinção dos sons e, assim que os ouviu, percebeu que eram os choupos. Estes ruídos agoirentos assustaram-na, e a ideia começou a ganhar forma. Quando ela disse que preferia ficar, o pai limitou-se a erguer o sobrolho direito. Esta era a sua expressão sempre que um determinado desenvolvimento lhe confirmava as convicções. “Já estás tão crescida, claro que podes ficar.” Liu Jin percebeu que os seus pais tinham estado à espera de que fosse ela a falar no assunto e sentiu-se uma autêntica idiota. Deste modo, ela voltou a abrir a mala e colocou as coisas de novo no seu lugar. Tinha já completado trinta anos, isso era factua, porque haveria de ir atrás dos pais? Quando o comboio partiu, eles não vieram à janela despedir-se, e ela não fazia ideia do que estariam a pensar. No momento em que a última carruagem desaparecia no horizonte, ela viu de súbito a imagem nítida daquela cidade longínqua. Em rigor, não era uma cidade, mas sim uma grande massa de fumo branco suspensa no céu, e lá dentro viam-se o que pareciam ser enormes construções. Conseguiu até avistar o alto edifício de apartamentos onde os pais viviam, mas não entendia por que razão a janela estava tão escura, tendo em conta o intenso reflexo do sol. Como é que identificou a casa? Porque na janela estava pendurada a saia de pregas da mãe. No caminho de volta, os seus passos recuperavam a estabilidade e a firmeza. A casa a que regressava era agora apenas sua, e o seu corpo estremeceu de emoção.

Liu Jin demorou a adaptar-se a viver sozinha. O seu trabalho consistia em vender tecidos no mercado. Quando deixava aquele lugar barulhento e voltava à sua pequena habitação era já noite escura. Durante vários dias seguidos, uma alvéola-branca meteu-se dentro de casa em passinhos acelerados. Aquela coisinha cinzento-azulada lançava um chilrear curto e afiado, como se andasse em busca de um par. Dava uma volta rápida pela casa e depois saía num piar triste. Liu Jin ouvia-a a esvoaçar para a copa da árvore, ainda a chilrear.

Teria acontecido alguma tragédia na vida do pássaro? Sentada sob o luar, os seus pensamentos encaminharam-se para o homem que tinha começado a aparecer no mercado. Quando pegava nos tecidos, ele aproximava-os tanto do rosto que quase os roçava nos óculos, e Liu Jin achava aquilo muito engraçado. O seu aspeto não combinava com o mercado, não parecia estar a fazer compras nem trazia nenhum saco ou mochila. Vestia-se como um camponês da fronteira, mas era evidente que não se tratava de um camponês, isso percebia-se logo pelo seu olhar. Nesse dia, aproximara-se de novo para observar os tecidos, mas nunca comprava nada nem olhava para Liu Jin. Ela observava os seus gestos e a sua expressão enquanto mexia nos tecidos, e isso despertou nela uma súbita ressonância fisiológica em relação a ele. Quem seria? “Estou só a ver, não vou comprar”, disse ele num tom de súplica, levantando a cabeça. “Podes ver, à vontade”, respondeu Liu Jin de forma seca. Sem compreender porquê, sentiu um buraco a abrir-se no seu coração.

Certo dia, já tarde, a alvéola-branca continuava sem regressar ao ninho, permanecendo de volta das roseiras espinhosas num chilrear infeliz. Liu Jin pressentiu que algo se passava e decidiu sair pelo portão do pátio. Na rua, junto a um candeeiro, viu o homem de óculos do mercado a falar com uma rapariga. A jovem parecia estar com pressa e, depois de dar um berro afiado, correu para longe. O homem aparentava estar tonto, encostando-se ao poste e fechando os olhos como se pretendesse descansar. O chilrear da alvéola-branca tornava-se mais triste, era o som de uma mãe que perdeu um filho. Liu Jin aproximou-se dele e disse numa voz ténue: “Amanhã vou buscar tecidos novos, têm padrões de lótus-da-neve. São daquele tipo que... parecem lótus-da-neve, mas ao mesmo tempo não parecem.” Só depois de ouvir as palavras dela é que o homem voltou a despertar, exclamando: “Ei!” Depois voltou a cara e observou atentamente o pátio de Liu Jin, e foi então que ela se apercebeu de que a alvéola-branca tinha desaparecido. Sem dizer mais nada, o homem partiu, e caminhava de uma forma cómica, quase lembrava um cavalo. No mercado, Liu Jin ouvira alguém tratá-lo por “Velho Shi”, o que indicava que o seu apelido era Shi. Ela pensou, *terá sido realmente por acaso que nos encontramos no mercado? Se assim for, por que razão estava ele hoje à porta de minha casa?* Liu Jin recor-

dou o passo acelerado da rapariga quando se afastava dali, e recorreu também como a alvéola-branca chilreava intensamente nesse momento. Aquele homem voltou a aparecer várias vezes por ali, e Liu Jin saudava-o sempre com simpatia, tratando-o por “Velho Shi”. Ele ficava quieto, sempre a olhar para o relógio, como se esperasse por alguém. Liu Jin pensava, *estará à espera daquela rapariga? E por que razão escolheu este lugar? Que estranho.*

O Velho Shi introduziu uma certa vitalidade no quotidiano de Liu Jin. Durante aquele período, ela dedicou-se a fundo ao seu jardim, e sempre que tinha uma folga do trabalho entregava-se por completo a esta tarefa. Plantou junto ao muro vários crisântemos-da-pérsia e mais uma fila de roseiras vermelhas. No pátio, havia apenas dois choupos, e ela plantou ainda alguns espinheiros, pois gostava deste tipo de arbustos simples e calmos. Espalhou também adubo pelas vinhas. Numa destas folgas, o Velho Shi entrou no pátio e Liu Jin convidou-o a sentar-se debaixo da parreira. Em seguida, trouxe uma mesinha e a louça para o chá. Quando se preparavam para bebê-lo, surgiu a alvéola-branca, e corria de um lado para o outro com a cauda a bater. O pássaro pôs-se num chilrear incessante. A expressão do Velho Shi alterou-se de imediato e, como um cavalo, estendeu o pescoço para observar o exterior. Por fim, sem tocar no chá, despediu-se num tom de quem pede desculpa. Liu Jin ficou extremamente confusa, sobretudo devido ao pássaro, que talvez fossem dois, ou três, todos parecidos. Apercebeu-se de que nunca tinha voltado a ver aquela rapariga. O que se passaria entre ela e o Velho Shi? Enquanto estiveram os dois sentados no pátio, Liu Jin reparou que ele tinha a mão direita ferida, estava envolvida por uma grossa ligadura, mas os gestos que fazia com a mão esquerda eram ágeis e precisos, o que a levou a pensar que ele poderia ser canhoto.

A vida de Liu Jin era basicamente uma linha com dois pontos — de casa para o mercado e do mercado para casa. Certa noite, porém, ela sentiu-se irrequieta, não conseguia estar sentada, e caminhou pela rua até à margem do rio. Estava a chegar a época seca e aquele estreito curso de água secaria em breve. O céu estava alto e havia luar. Depois de caminhar um pouco pela margem, viu os cadáveres dos choupos, e não se percebia se aquelas quatro ou cinco árvores tinham tido uma morte natural ou se acontecera algum incidente.